

40 anos de conquistas e ainda muitas lutas a travar

DIA DA MULHER 40 anos depois do 25 de Abril persistem as desigualdades de oportunidades entre homens e mulheres. Elas continuam a ter salários mais baixos, a estar menos representadas na política e nos altos cargos de instituições públicas e empresas, são as maiores vítimas de violência e quem mais sofre com a austeridade, nomeadamente com o desemprego e a precariedade. Mas um longo caminho foi já percorrido, com ganhos inegáveis. Sob o mote “A Mulher, a Saúde e a Sociedade”, a Secção Regional do Centro da Ordem dos Médicos desafiou cinco médicas para reflectir sobre o papel da mulher nestes 40 anos de democracia em Portugal, colocou outras cinco profissionais de saúde na primeira fila da sala e convidou todos os interessados em ouvir mulheres excepcionais.

O restaurante Gustav, em Coimbra, reuniu cerca de 70 pessoas, que ouviram Ana Jorge, pediatra e ex-ministra da Saúde, Odete Isabel, farmacêutica e a primeira mulher eleita autarca depois do 25 de Abril, Teresa Sousa Fernandes, obstetra na Maternidade Daniel de Matos e escritora, Isabel Gonçalves, pediatra e responsável pela Unidade de Patologia e Transplante Hepático Pediátrico, Merlinda Madureira, internista e presidente da Federação Nacional dos Médicos, Tice Macedo, pediatria e a primeira mulher doutorada em Medicina no país, Isabel Oliveira, presidente da Secção Regional do Centro da Ordem dos Enfermeiros, Inês Rosendo, presidente distrital da Associação Portuguesa de Medicina Geral e Familiar, Iris Guerra, presidente da delegação regional do Centro



“A Mulher, a Saúde e a Sociedade” foi tema de debate

da Ordem dos Psicólogos, e Daniela Borges, presidente do Núcleo de Estudantes de Medicina da AAC. De diferentes gerações e lutas, todas foram unânimes a considerar «privilegiadas» as mulheres ali reunidas, não só em relação às de outros tempos, mas também em relação a outras mulheres da sociedade actual.

Teresa Sousa Fernandes lembrou as mulheres que viu morrer de abortos ou partos mal feitos, Merlinda Madureira e Ana Jorge recordaram as dificuldades observadas pelo país fora, durante o serviço médico à periferia. Assinalaram os ganhos em saúde destes últimos anos, mas frisaram que ainda há franjas da população para quem os avanços foram insuficientes. Isabel Oliveira contou histórias com uma década apenas, de mulheres do interior do país que não faziam consultas de planeamento familiar, com resultados por vezes fatais. Isabel Gonçalves acrescentou que cerca de 90% das crianças seguidas na Unidade de Hepatologia e Transplantação Hepática Pediátrica provêm de famílias carenciadas, que são as mulheres que quase sempre estão na cabeceira dos filhos doentes e que

importa sensibilizar a sociedade civil para as ajudar.

Para explicar a desigualdade nos direitos, Odete Isabel falou de uma «cultura democrática ainda deficitária em Portugal» e do «patriarcado comum a todos os sistemas políticos e sociais», sublinhando que a luta das mulheres «não é uma luta do passado». Inês Rosendo, de uma geração mais jovem, corroborou que «ser mulher pode ser uma limitação e uma dificuldade» mas também «uma oportunidade». A sua razão e emoção constituem mais do que uma fragilidade uma arma, como acrescentou a psicóloga Iris Guerra, que não esqueceu os desafios acrescidos de mãe, profissional, mulher na sociedade de hoje.

Atertúlia, que havia começado com as intervenções do cirurgião Fernando Martinho e do presidente da Secção Regional do Centro da Ordem dos Médicos, Carlos Cortes, terminou com a intervenção da mais jovem mulher da sala. Daniela Borges, estudante de Medicina, fez crer que não se desperdiçará o trabalho feito por gerações anteriores de mulheres profissionais da saúde. A.T.